

Resumo expandido - Mini Curso 1 - Corpo e Identidade
Professora Doutora Mirela Berger, DCSO/UFES.

Nosso corpo não é algo simples e que remeta exclusivamente ao domínio da biologia. Muito pelo contrário, enquanto matriz e suporte de significados ele é extremamente complexo e diversamente pensado através do tempo e da história. “*Cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua*” (Certeau, 1982). E, do mesmo modo que a língua, o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa. As noções corporais, entre elas, as referentes à perfeição física, são sempre construções culturais que variam de acordo com as diversas sociedades existentes, variando, portanto historicamente. O corpo, enquanto resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, pertence menos à natureza do que à cultura.

Este curso visa compreender dois pontos centrais: 1) Que a própria **importância** conferida ao corpo é algo que varia historicamente; 2) Que os **sentidos** atribuídos ao corpo também variam de acordo com as épocas e culturas. Interessa-nos, particularmente, compreender porque na cultura contemporânea o corpo é revestido de uma importância sem precedentes na história, atuando como uma nova fronteira, como palco privilegiado da marcação de diferenças étnicas, culturais e simbólicas.

No entanto, para compreendermos a especificidade do corpo hoje, e, principalmente, suas relações com questões identitárias, temos que proceder uma breve retrospectiva histórica. De outro modo, como perceber os elementos que aproximam e distanciam o atual culto ao corpo do tratamento dado às questões corporais no passado? Fala-se hoje da crescente importância dada, por exemplo, à aparência física e aos mecanismos para tornar-se bela, entre eles, a “malhação”. Mas se a importância aumentou, é porque em outras épocas ela também se apresentava. Portanto, o que mudou? De qual forma mudou?

Começamos nossos questionamentos, no módulo 1, através da análise da importância dada ao corpo entre os gregos, focalizando principalmente dois autores, Michel Foucault e Richard Sennet. Foucault mostra que ao analisar os textos dos primeiros séculos produzidos na Grécia, mais do que interdições sobre os atos sexuais, o que aparece é a insistência com o que ele chamou de “*cultura de si*”. Tal prática envolvia, por um lado, um rigoroso treinamento e constituição corporal; e por outro, o cuidado com a alma, realizado através da filosofia. Constituíam-se num “privilegio-dever”, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade, mas ao mesmo tempo obriga-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda nossa aplicação. Assim, para os Epicuristas, a filosofia deveria ser considerada como o exercício permanente dos cuidados consigo. E cuidar de si significava manter o corpo e a mente em constante exercício, aspecto ressaltado também por Sennet (1997), para quem, na Grécia Antiga, cidadania, nudez e corpo em forma eram indissociáveis. O autor comenta que as figuras escavadas em pedra nos “mármore de Egin”, no *Partheron*, retratavam pessoas jovens, exibindo corpos perfeitos e nus. A nudez tinha total relação com a forma como os gregos concebiam o corpo, em especial o masculino, que por ter a possibilidade de gerar e manter calor, não necessitava de roupas. Para os gregos, um corpo musculoso nunca estava totalmente nu. Mas para que o corpo e a própria alma se mantivessem aquecidos, duas práticas eram fundamentais: a primeira, exercitar o corpo nos ginásios; e a segunda, aquecer a alma e a fala através da filosofia e da oratória.

Desta maneira, mostraremos que os cuidados com o corpo no período helênico grego configuravam-se como práticas sociais, tomando forma em estruturas

institucionalizadas, que contavam com autoridades reconhecidas, que, por estarem mais avançadas, conduziam os neófitos na prática dos exercícios, da mesma maneira que fazem os instrutores de ginástica e os *personal trainers* da atualidade.

Em seguida, no módulo 2, investigamos como a Idade Média pensou questões relativas ao corpo e comparamos com a Idade Moderna, no intuito de perceber as correspondências e rupturas entre medievais e modernos no que concerne às relações com o corpo. Centraremos principalmente nas seguintes questões: 1) O **tom** do discurso, que entre os medievais era menos incisivo e que, progressivamente, vai se tornando mais taxativo a partir que a modernidade avança; 2) Mostrar, que ao contrário do que comumente se afirma, o corpo tinha sim grande importância entre os medievais. Boa parte da experiência da vida passava pelo corpo, podendo-se mesmo dizer que o mundo medieval era, de certa maneira, corporificado. Mas o **sentido** dado ao corpo, comparado com o que se dá na época moderna, é diferente. Na Idade Média, observamos uma maior liberdade corporal, tanto no tocante às suas manifestações (escarro, flatulências) quanto à sua forma; 3) Analisar como no período medieval, **corpo e alma** ainda **não** haviam se **fragmentado**, como ocorrerá na modernidade; 4) Mostrar que a quarta diferença entre a Idade Média e a Moderna é que, na primeira, além de não haver uma separação entre corpo e alma, também **não** havia entre corpo **individual** e corpo **social**. Desta forma, teremos elementos para perceber porque caminhamos de um corpo não-contido e hiperbólico entre os medievais para o corpo cada vez mais contido e verticalizado entre os modernos.

Em seguida, no módulo 3, abordamos como na atualidade o corpo malhado torna-se referencial classificatório e identitário. Abordaremos porque o culto ao corpo que estamos vivenciando hoje atesta este paradoxo: quanto mais proclamamos e somos seduzidos pela ideologia de que ter um corpo perfeito é fundamental na constituição da nossa auto-estima e identidade, sendo um reflexo da nossa possibilidade e direito de nos ocuparmos conosco mesmo, mais mergulhamos nas coerções estéticas de nossa época, como atestam, entre outros fenômenos, a obsessão com a magreza, a multiplicação de dietas, de revistas que proclamam a boa forma, a disseminação de cirurgias plásticas e de lipoaspiração, as técnicas de rejuvenescimento. Discutiremos como o corpo na atualidade é ao mesmo tempo, central para a construção da identidade feminina, mas também, um modo de minar esta identidade: a supremacia do corpo perfeito pode levar ao contrário da construção de uma identidade: ao aderir a modelos de beleza padronizados, pode ocorrer uma recusa do próprio corpo, caso ele não se encaixe nos modelos fornecidos. Pode provocar também uma perda de identidade no sentido de que as marcas do tempo e das próprias características genéticas podem ser apagadas e reduzidas através de cirurgias plásticas, dissolvendo marcas constitutivas do eu e substituindo-as por formas e feições padronizadas. Pode levar também à dissolução física total, gerando distúrbios alimentares que podem levar ao esfacelamento da personalidade e, em casos mais graves, à morte. E por fim, o culto ao corpo contém em si um caráter de exclusão e desconfiança com respeito àqueles que não são como nós, que não se encaixam nestes padrões estéticos de nossa era. Por fim, no módulo 4, mostramos, através de uma análise sócio-cultural da tatuagem, como o corpo na atualidade pode ser pensado como uma tela, um lugar de visibilidade de códigos de conduta, de regras estéticas e do próprio gosto cultural.

Partindo da tatuagem enquanto um signo cultural, investigaremos as representações sociais construídas sobre o corpo e o pensaremos como um micro-cosmos, um dos palcos privilegiados da construção e afirmação de identidades, bem como da demarcação de fronteiras simbólicas. Mostra também como o corpo, e em especial, as tatuagens constituem-se como memórias, verdadeiras inscrições ou códigos-mensagem, destinadas a fixar valores de um determinado tempo e lugar.